

ARTIGO REF: 6738

PROSPEÇÃO GEOFÍSICA NAS RUÍNAS ROMANAS DE TRÓIA, PORTUGAL

António Correia^(*)

Instituto de Ciências da Terra, Universidade de Évora, Évora, Portugal

^(*)Email: correia@uevora.pt

RESUMO

Os métodos geofísicos constituem uma ferramenta importante em prospeção arqueológica. Na verdade, dependendo da escala da investigação arqueológica, a sua utilização é cada vez mais comum quer para estudos de detalhe de um dado sítio arqueológico ou para reconhecimento paisagístico ou ainda para planeamento de escavação. A relação entre as leituras geofísicas realizadas à superfície do solo com os objetos arqueológicos enterrados é complexa e a interpretação dos resultados obtidos com equipamentos geofísicos, não sendo uma imagem simples e bem definida de objetos arqueológicos enterrados, requer uma interação e colaboração intensas entre geofísicos e arqueólogos. A interpretação de dados geofísicos em contexto arqueológico requer, por isso, um grande conjunto de informações que vão desde fotografia aérea, mapas antigos, textos históricos e outras informações disponíveis. Só assim será possível chegar a uma interpretação arqueológica com significado a partir de campanhas de prospeção geofísica. Dentre os vários métodos geofísicos disponíveis os mais utilizados em arqueologia são o método magnético (perfis de intensidade magnética e susceptibilidade magnética), o método elétrico (perfis de resistência elétrica, de resistividade elétrica aparente e de tomografia de resistividade elétrica) e métodos eletromagnéticos (georadar). No estudo geofísico realizado nas Ruínas Romanas de Tróia foram apenas utilizados georadar e tomografias de resistividade elétrica.

Os perfis de georadar foram realizados com um equipamento GSSI SIR 3000 e uma antena de 400 MHz; os perfis de tomografia de resistividade elétrica foram realizados com um equipamento ABEM 1000 com uma adaptação para realização de perfis tomográficos. Os dois equipamentos pertencem ao Instituto de Ciências da Terra da Universidade de Évora. Para poder comparar os resultados de georadar com os resultados das tomografias de resistividade elétrica, os perfis de georadar (radargramas) e de resistividade elétrica (tomogramas) foram realizados na mesma direção e coincidentes (Figura 1 e Figura 2). Os perfis de georadar tiveram um comprimento entre 40 e 45 m enquanto os perfis de resistividade elétrica tiveram um comprimento de 39 m. Os perfis de resistividade elétrica foram realizados com uma configuração de Wenner, com 40 elétrodos espaçados de 1 m. O processamento dos dados de georadar foi realizado com o *software* RADAN 6.5 e os perfis de tomografia de resistividade elétrica foram processados com o *software* RES2INV.

De maneira genérica pode dizer-se que os resultados obtidos com o georadar e com as tomografias de resistividade elétrica apresentam uma boa concordância sendo, contudo, mais visíveis as grandes estruturas com as tomografias de resistividade elétrica e as pequenas com o georadar. De um ponto de vista qualitativo, o radargrama do Perfil 1 é menos complexo que o radargrama do Perfil 2; contudo, o tomograma do Perfil 1 é mais complexo do que o tomograma do Perfil 2. Considerando o conjunto dos dois métodos em cada um dos perfis

pode dizer-se que, de um ponto de vista arqueológico, a zona onde foi realizado o Perfil 2 parece ser mais interessante.

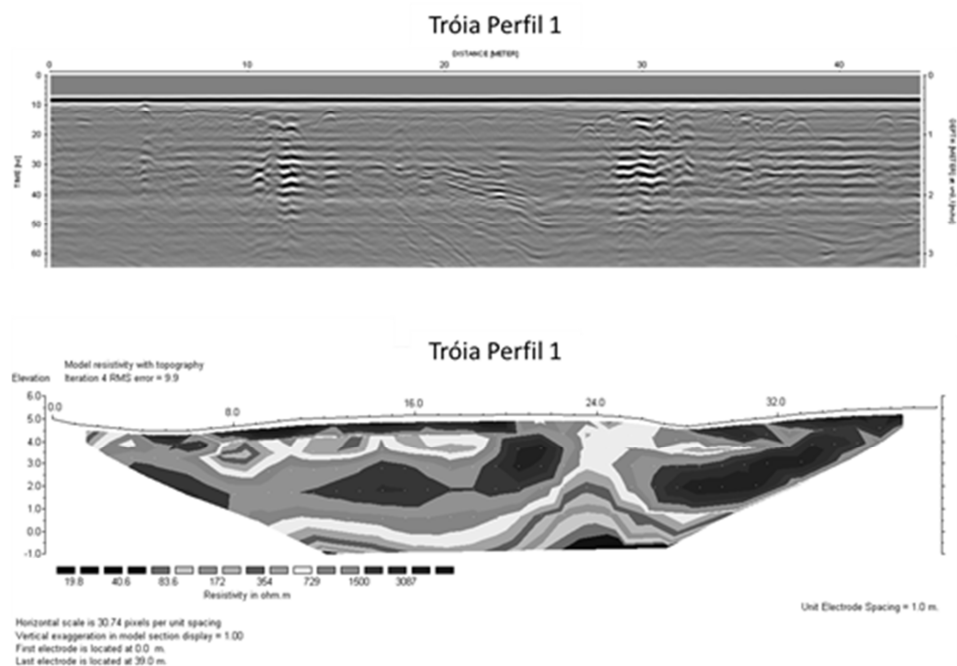


Fig. 1 - Perfis de georadar e tomografia de resistividade elétrica realizados ao longo do Perfil 1.

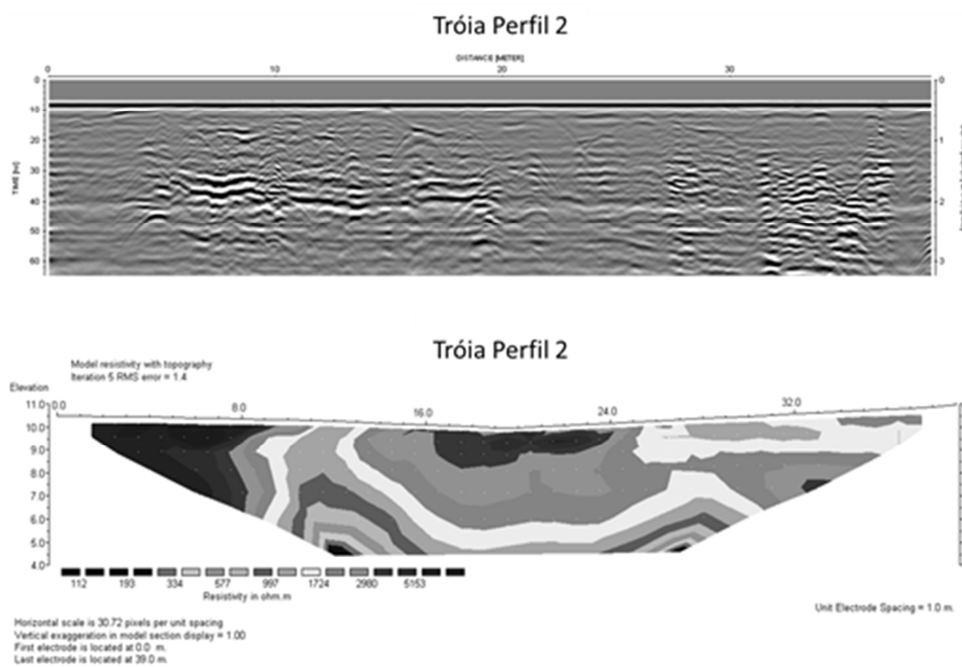


Fig. 2 - Perfis de georadar e tomografia de resistividade elétrica realizados ao longo do Perfil 2